

# **A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS, CONTRIBUIÇÕES E PROBLEMÁTICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Manuela dos Santos de Jesus

## **RESUMO**

A revisão de literatura tem o propósito de analisar e trazer a reflexão sobre a discussão de gênero nas escolas, expondo suas contribuições e problemáticas ao padrão tradicional visto nas escolas. O método utilizado foi a revisão de literatura, onde foi consultada a base de dados: Scientific Eletronic Library Online - SciELO. A busca foi realizada restringindo-se a artigos em português, publicados no período de 2014 a 2018. Os resultados e discussão reforçam a hipótese sobre o padrão tradicional nas escolas, apontando para diferenciações no tratamento em relação a meninos e meninas e o despreparo dos docentes em relação à questão. É de grande importância que sejam realizadas discussões sobre gênero, possibilitando uma construção de sociedade mais igualitária.

**Palavras chaves:** educação, gênero, escolas, docentes, meninos e meninas.

Salvador

2018

## **INTRODUÇÃO**

A escola está se tornando um campo de estudo muito importante para os pesquisadores, em diversas abordagens. É um dos ambientes de primeiro momento na inserção social de qualquer indivíduo, assim, tem bastante expressão na formação de valores sociais.

Há algum tempo que movimentos sociais querem dar andamento na discussão de gênero nas escolas. A escola é um ambiente que pode reproduzir modelos tradicionais de comportamentos, podendo ratificar a discriminação às minorias, apresentar discursos que discriminam mulheres, índios, negros, comunidade LGBTQ+, entre outros grupos.

Dessa forma, o propósito da discussão de gênero nas escolas não é sobre subverter valores que pais apresentam aos filhos, é sobre criar espaços para construção de pensamentos críticos, possibilitando a diminuição da reprodução das desigualdades sociais, promovendo mudanças e reflexões sobre os paradigmas arcaicos. O ambiente escolar pode vislumbrar diálogos e caminhos prósperos, além de ensinamentos básicos.

A discussão de gênero abre caminhos para contribuições no ambiente escolar e externo, possibilitando uma comunidade igualitária. Assim, contribuindo para redução da violência contra a mulher, dos discursos e atos homofóbicos, das discriminações raciais e étnicas, e talvez o mais importante, o bullying no espaço escolar.

A caminhada da introdução da discussão de gênero nas escolas pode apresentar algumas problemáticas, visto que professores são desprovidos de capacitações sobre essas questões, além da dificuldade de diferenciar seus princípios pessoais com as questões profissionais.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A ideia de homens, culturalmente, é relacionada à força, agressividade, poder e liberdade. Enquanto mulheres são relacionadas à submissão, criar filhos, serem boas esposas e donas de lares. Qualquer indivíduo que esquive dessa lógica tradicional, pode enfrentar em algum grau uma discriminação. Desconstruir um discurso e prática cultural é um caminho de muitos obstáculos, porém, necessário para romper as privações impostas para homens e mulheres sobre os seus rótulos sociais.

Para Scott (1992, citado por Torrão Filho, 2005), gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder. Esse se constitui em caráter social, conseguindo abarcar as mulheres sem nomeá-las diretamente, sem constituir

assim uma ameaça, entretanto trazendo à luz uma nova perspectiva de estudos que busca romper o discurso consolidado de masculino e feminino, libertando homens e mulheres desses lugares encarcerados.

Os primeiros ambientes de interações sociais, desde cedo e em tempo, são escolas, famílias e instituições religiosas. Desta forma, o que é repassado é uma educação tradicional, onde se criou a ideia de que meninos/meninas tem distinções diferentes, nas maneiras de se portar, nas atividades executadas, nas formas de pensar e reproduzir, baseadas em um modelo estabelecido por uma classe prevalente.

As separações de meninos/meninas são vistas em várias atividades dentro do espaço escolar, uma das atividades que pode se notar com mais facilidade a distinção é a atividade física. Geralmente os meninos ficam com a quadra porque praticam futsal e as meninas ficam com espaço que sobra do local; possivelmente, entre um tempo e outro de jogos, elas podem entrar na quadra e praticar algum esporte. A escola segue contribuindo para diferenciações desiguais entre os gêneros, segregando grupos para uma sociedade que deveria ser construída em igualdades.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...] A separação de meninas e meninos é, então, muitas vezes estimuladas pelas atividades escolares, que divide grupos de estudos ou que propõe competições [...] (LOURO, 1999, P. 74-79).

A discriminação é uma prática que abrange mulheres e homens que se comportam como diferentes, nos segmentos sociais. As formas como as pessoas pensam e vivem podem ser vistas como estímulos concretos para manifestações de várias formas de opressões. Os negros, mulheres, comunidade LGBTQ+ e outras minorias são miras das intolerâncias na sociedade.

Na escola, o respeito às diferenças é um valor base para conviver entre tantas pessoas diferentes do próprio eu. Quando não há esse respeito, abre-se espaço para piadas maldosas, apelidos e situações de humilhações. É inevitável não frisar que mulheres, negros, gays e lésbicas podem ser tratados de maneiras diferentes. Nessas diferentes formas de tratamentos e opressões pode nascer o Bullying, causando dor e angústias no indivíduo que está dentro dessa relação de poder desigual.

[...] homens e mulheres só podem conviver em sociedade, a discriminação sempre ocorrerá em relação ao outro, portanto, a discriminação é fruto das relações sociais que estabelecemos através da reprodução de desvalores que, por vezes, incorporamos acriticamente no nosso cotidiano. [...] através de

brincadeiras, piadas e gozações aspectos do jeito de ser e viver dos indivíduos, colocando-os em situação vexatória (MESQUITA; RAMOS; SANTOS, 2001, p. 83).

O Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política nacional, dando ênfases em valores de promoção em saúde e erradicação do analfabetismo. A União em conjunto com Estados e Municípios é responsável por organizar os planos de educação, com isso, elaborar e estabelecer os planos a níveis estaduais e municipais em torno dos próximos anos, mas sem deixar de efetivar os princípios de direitos humanos e valorização da diversidade. No ano de 2014, o conteúdo de gênero foi retirado do texto original, por conta da bancada conservadora afirmar que a proposta fazia menções à “ideologia de gênero”, o poderia influenciar as crianças sobre suas orientações e colocar em risco as construções das famílias tradicionais, compostas por homem e mulher. Assim, o PNE passou aos Estados e Municípios a decisão de incluir a discussão sobre a temática ou não nas escolas.

O Plano Nacional de Educação (PNE) é o documento que segundo Azevedo, Costa e Paiva (2015) serve de base para as diretrizes da educação brasileira. Sendo fundamentado no Art. 214 da Constituição Federal Brasileira de 1988, o mesmo foi elaborado juntamente com o apoio da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), da União dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME), do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação (FNCE) e do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Nas formações dos docentes não há, pelo menos evidente, materiais de bases específicas para trabalharem com gênero nas escolas, nem capacitações para explorar os caminhos sobre educação sexual e gêneros. Somando-se a isso, as instituições escolares não pedem como exigência o estudo sobre, como exigência de contratação, o que pode reafirmar as desigualdades construídas culturalmente entre meninos/meninas.

A falta de conhecimentos por parte dos profissionais da educação pode estimular o tabu de trabalhar com a temática e com isso pode reforçar as problemáticas das desigualdades sociais por parte dos alunos, assim, limitando debates e assuntos no ambiente da escola.

É indispensável à reflexão sobre as discriminações e opressões que homens e mulheres vivenciam, principalmente no ambiente escolar. A escola tem o dever de combater todas as formas de preconceitos existentes, por ser um local de espaço formador de opiniões e democrático, abrindo espaços para discussões sobre diferenças entre as pessoas,

salientando que não existe uma forma padrão de viver em sociedade, mas de diferentes comportamentos e intelecto.

## **MÉTODO**

Foi consultada a base de dados: Scientific Electronic Library Online - SciELO. A busca foi realizada entre os dias 01 e 12 de novembro de 2018, restringindo-se a artigos em português, publicados no período de 2014 a 2018. Foram selecionados, para essa revisão, artigos que apresentassem dados sobre questões e educação de gênero nas escolas. Foram excluídos estudos que não contemplavam os critérios de inclusão, como: “taca a cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil; Trajetória socioeducacional dos ministros brasileiros na Nova República (1985-2014); Situação de violência na escola e a voz do professor; Artigos que envolviam estudos com alunos e áreas de Audiologia e Fonoaudiologia; e Artigos com publicações em outros idiomas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Em um dos artigos analisados, uma escola pública do Rio de Janeiro apresentou dois casos de (in)visibilidade de conflitos e agressões verbais e físicas referentes a gênero. O primeiro caso, o de Dayane, uma briga no pátio do colégio envolvendo ela, o ex namorado Gabriel e o “atual” Leandro. Na discussão entre Dayane e o ex namorado, ao tirar satisfações sobre o novo namorado, Gabriel lhe deu um tapa na cara; Leandro ao ver a situação, entra no meio da discussão. Ao serem levados à secretária, ao escutar as partes, a direção (diretora) justificou a agressão física como “isso é normal em relacionamentos” “você deve ter provocado o Gabriel”. Ao escutar essas palavras, Dayane se exaltou e ofendeu a diretora, que suspendeu a menina por alguns dias sem ir à escola; Já Gabriel, não aconteceu nada, por recomendação da diretora, foi pedido que ele ficasse alguns dias sem comparecer a escola.

O segundo caso, o de Bruno, Bruno foi agredido fisicamente, na escola, por um grupo de alunos, jogado na lixeira e chamado de “gayzinho”. Após o ocorrido, a direção da escola foi acionada, mas não tomou nenhuma providência, justificando o ato como “provocação feita por Bruno, porque não se comportava na devida forma”. Ao questionar outros alunos os motivos do colega ter sofrido uma agressão física, o discurso foi reproduzido da mesma forma “Bruno usa calças muito apertadas e tem gostos musicais exóticos”. Em seguida, foi perguntado a Bruno o porquê das agressões,

ele respondeu “a escola é como uma cadeia alimentar, os mais fortes atacavam os mais fracos”.

Os casos de Dayane e Bruno alertam para a neutralidade imposta pela direção da escola podendo reforçar a reprodução de ambientes sociais onde seja aceito a hierarquização de um gênero em sentido a outro, exemplo da dominação do homem a mulher ou a dominação do homem ao homem gay. Em ambos os casos é notado um padrão de comportamento esperado pela maioria do meio social, a partir do momento que não é seguido o padrão, tornam-se os causadores de conflitos, os que “provocam” algum tipo de situação inconveniente.

Em um artigo foi encontrado dados de relações étnicos raciais e questões de gênero nas escolas. O racismo é uma das grandes problemáticas enfrentadas nas escolas. Algumas escolas “enfrentam” o racismo através do “silenciamento”, ou seja, geralmente os professores não intervêm nas situações ou quando intervêm é para pedir às crianças que ignorem ou não liguem para o que os colegas falam sobre sua cor/etnia. Na atual sociedade já é difícil ser mulher, ser mulher e negra é seguir lutando por dois caminhos com bastantes obstáculos, ainda mais sem suportes financeiros, estruturais e psicológicos para poder lidar com todas as questões e discriminações que possam ser vivenciadas no caminho a ser percorrido.

Em razão de racismo no funcionamento da escola, do currículo até os livros didáticos não contemplam a diversidade que a escola atende, excluem, notadamente os negros e indígenas. (SOARES e ALVES, 2003; ABRAMOWICZ, 2006; PICCOLO, 2010). As universidades têm currículo e produção de conhecimento fundadas no modelo eurocêntrico (AQUINO et al., 2013). Além disso, os negros são prejudicados em razão do fato de os professores associarem aluno negro a problemas de desempenho. Destacam, diferentes artigos, a dupla discriminação que sofrem as alunas negras, por serem mulheres e negras, bem como, a ausência de suporte, nas instituições educacionais, para gerenciar conflitos dessa natureza. (SOARES e ALVES, 2003; SILVA, 2008; FERRARI, 2010; ROACH, 2011; CRUZ, 2014).

Foi encontrado um artigo apresentando dados sobre a educação física escolar e as questões de gênero, nos diferentes modos de participar das aulas. O texto expõe uma pesquisa de campo que observa como meninos e meninas se envolvem nos jogos, brincadeiras, exercícios e como se arriscam em novos conteúdos.

Nas duas escolas da pesquisa foram percebidos duas situações de não práticas efetivas em relação às aulas: algumas pessoas não participavam das atividades propostas, fazendo outras coisas no mesmo tempo e aquelas pessoas que não participavam ativamente das atividades, ou seja, fazia a atividade, mas não se envolvia totalmente.

A pesquisa se baseou na escola Hortência e na escola Sônia. Na escola Hortência, foi observada a participação não efetiva pelas meninas. Em um jogo dividido entre meninos e meninas, as meninas não se movimentavam, ficavam com a posse de bola, porém paradas e isso fazia com que a bola não chegasse nelas e os meninos se movimentassem mais no jogo (jogo: bola pegadora); Na escola Sônia, a turma era composta por vinte e duas meninas e oito meninos, que foi dividido em grupo, quatro meninos em cada time. Foi observado que os meninos ficavam na suposta linha de frente e participavam do jogo bem mais que as meninas, mesmo estando em menor número. Os meninos arremessaram a bola 68 vezes, enquanto as meninas, 28 vezes. Em torno do jogo foi percebido que as questões de gênero ficaram marcadas pela forma que os meninos se desenvolveram, correram, tiveram mais oportunidades do que as meninas (jogo: queimada).

Fazendo um link com a citação abaixo, cito Joana, a única menina da escola Sônia que jogou ativamente no jogo, devido a sua força no arremesso, Joana conseguia retirar os meninos do campo, isso fez com que os repasses para ela aumentassem, aumentando a sua confiança de ser ativa no jogo. Essa atitude mostrou novas viabilidades e efetiva inserção no jogo que estava sendo dominado por meninos.

Pesquisas internacionais na área de sociologia do esporte, com recorte de teorias feministas, têm demonstrado como os esportes e as atividades físicas podem ser elementos de “empoderamento” (do inglês *empowerment*) tanto físico quanto social para as mulheres em diversas faixas etárias (Gilroy, 1989; Whitson, 1994; Mcdermott, 1996; 2000; Garret, 2004; Hills, 2007).

Um possível esclarecimento sobre os dados coletados entre as duas escolas é que a expectativa de finalidade para o alcance das vitórias dos jogos sejam mais atrelados ao gênero masculino do que ao feminino, por isso, as meninas esquivavam-se ou auto sabotam-se nos jogos. Embora essa hipótese nem sempre se comprove, sabemos que existem meninas excelentes que são destaques e disputam locais de poderes com os meninos, exemplo disso foi Joana, na escola Sônia. Mesmo com as hipóteses atrelando a habilidade em esporte com o gênero masculino não sejam verdades totais, sabemos da validade da hipótese em sentindo ao esquivamento feminino. (APARECIDA, 2016; ALTMANN, 2016).

Foi encontrado um artigo sobre bullying e gênero nas escolas. As crianças que praticam bullying são crianças que buscam a dominação e o poder através da humilhação, impondo ao outro por meio de agressão verbal, em uma tentativa de serem respeitados. Também, é possível investigar que as crianças que se tornam os

bullies podem ser crianças que crescem em ambientes familiares autoritários, preconceituosos e com isso reproduzem situações do convívio familiar em ambientes escolares. Em contrapartida, as crianças que vivem em um ambiente mais liberto, podendo expressar-se de uma forma livre, sem discriminações, podem ser passíveis de serem as crianças que sofrem com o bullying.

Diante deste cenário, parece evidente a importância da teoria funcionalista dos valores humanos (Gouveia, 2003 2013; Gouveia et al 2014) para compreender os principais resultados deste estudo. Como pode ser predito a partir da descrição de suas subfunções teorizadas, crianças que já desde tenra idade se orientam por êxito, poder e prestígio são mais propensas a envolverem-se em situações de *bullying* no papel de agressores ou estariam mais dispostas a fazer valer seus interesses pessoais, impondo-se aos demais, o que pode acarretar em comportamentos de *bullying* nas escolas. Não se está afirmando categoricamente que estas pessoas seriam *bullies*, mas que a importância atribuída a esta subfunção agiria como um fator de risco para tais comportamentos. Portanto, aqueles que buscam realizações materiais e preferem agir de modo prático ao tomarem decisões e expressarem comportamentos estão mais predispostos a se envolverem em comportamentos discriminadores, em que o *bullying* é um dos tipos. Contrariamente, conferir importância aos valores humanitários, sobretudo de orientação social, como os *interativos*, promovem a aceitação do outro, sendo menos discriminador, além de evitar pro-mover condutas que depreciem os demais (...)

Cabe aos pais e educadores ressaltarem as consequências dos atos e dos sofrimentos causados pelo bullying, podendo reduzir as atitudes e os problemas que o comportamento dominador traz para as pessoas. Saliento a importância que a escola tem para produzir políticas, projetos e meios que possam debater tais comportamentos por alunos nas escolas, não minimizando e nem silenciando os casos que acontecem no meio escolar.

Foi encontrado um artigo relacionando os pensamentos dos professores e professoras em relação à educação de gênero nas escolas de educação infantil. Nas formações dos educadores não houve conteúdos específicos sobre gênero, nem mesmo capacitações, fazendo com que não seja discutido tal temática nas escolas e professores assumam um papel neutro ou de acordo as suas crenças pessoais/religiosas. Em uma pesquisa de campo, no município de Paulo Afonso – BA, em uma escola municipal foi usado questionamentos sobre gênero a alguns professores da escola.

As seguintes perguntas e respostas:

Quais os principais comportamentos diferenciados entre meninos e meninas na escola?  
De que maneira isso ocorre?

**Professora A:** “O comportamento das meninas é sempre diferenciado, salvo algumas meninas que brincam como meninos, mas isso é esporádico”.

**Professora B:** “Depende de cada um. Há meninos mais agitados ou meninas e vice-versa. Nada é estável”.

**Professora C:** “Nas falas das crianças, nos brinquedos e nas brincadeiras, os gestos”.

**Professora D:** “Os meninos gostam de brincar de luta. As meninas de maquiagem”.

**Professora E:** “A questão da agressão, nas brincadeiras dentro e fora da sala de aula”.

O que pensam as professoras sobre a construção de gênero? É dada naturalmente ou é uma construção social?

Sobre como são dadas as construções de gênero, tivemos a unanimidade das respostas alegando que as construções da identidade de gênero são dadas naturalmente.

**A professora D completou dizendo:** “Criança não sabe nem porque vive quanto mais o que vai ser. Adolescente vai muito por modismo”.

Existem espaços caracterizados para meninos e meninas no cotidiano escolar?

De acordo com o pensamento das professoras questionadas não existem espaços caracterizados para meninos e meninas no cotidiano escolar, além dos banheiros que comumente é um para cada identificação de gênero, como podemos observar na fala da **professora A:** “os espaços são comuns. Os únicos espaços caracterizados são os banheiros”. Em outra fala, **a professora E** diz que “não, até porque não existe distinção entre meninos e meninas”.

Qual o seu olhar sobre as identidades de gênero (orientações sexuais) presentes na escola?

**A professora A** disse que procura “aproveitar as orientações que eles trazem de casa”

**Professora B** disse que essa seria uma resposta repetitiva, ou seja, argumentou que as demais respostas contemplavam a esse questionamento.

**Professora ‘C’** nos conta: “não defini ainda o meu olhar sobre as diferentes identidades de gênero, pois vejo com tranquilidade os meninos que não gostam de brincar com meninos e sim com meninas, em brincadeiras mais amenas, e meninas que gostam de brincar com meninos em brincadeiras mais agressivas”.

**Professora D** nos deixa claro em sua fala que acredita que a construção de gênero é algo que não cabe às pessoas ainda quando crianças, e responde a essa questão da seguinte maneira: “cada criança é um ser individual, quando crescer, decide o que quer ser”.

**Professora E** comenta que “aqui trabalhamos com pré-escolar, portanto não conversamos muito sobre orientação sexual, mas passamos sempre que o preconceito e a falta de respeito são coisas impostas pela sociedade”.

Há comportamentos de origem preconceituosa por parte das crianças?

**Professora A:** “Não existe preconceito entre crianças, elas são muito receptivas”;

**Professora B:** “Não, por eles serem pequenos e idade até 5 anos, não costumo presenciar nenhum preconceito”;

**Professora C:** “Racismo, característica física (gordo, obeso, alto, baixo feio, bonito) Probre ou rico (um brinquedo que outro tem e outro não)”;

**Professora D:** “Não com relação a sexualidade. Acontece alguns casos de crianças mais gordas. Como temos muitos casos de crianças com necessidades especiais. Eles já entenderam que ser diferente é normal”;

**Professora E:** “Não”.

A partir das respostas das professoras é possível identificar que as mesmas possuem uma visão tradicional em relação à formação da educação de gênero nas escolas. A priori as professoras ressaltam que não há diferenciações entre meninos e meninas, mas, adiante, essa constatação pode ser incoerente, pois, segundo a visão tradicional que elas demonstram, os meninos por construção natural serão mais privilegiados do que as meninas. Provavelmente a maior dificuldade em relação a educação de gênero é a falta de conhecimentos sobre e até a busca em saber do que dispõe a questão. Com as transformações e evoluções que estamos vivenciando hoje na sociedade, são de grande importância requalificações, capacitações e atualizações para os docentes.

## **CONCLUSÃO**

Na procura e análise dos artigos sobre educação e gênero nas escolas é possível notar o baixo índice de estudos sobre a questão, principalmente no banco de dados da SciELO.

Os artigos encontrados ratificaram as problemáticas sobre discriminações as minorias, as diferenças de papéis de meninos e meninas e a falta de capacitações dos professores e das escolas em relação às questões de gênero. Assim como, alguns artigos apontam para meios de tornar o debate sobre gênero mais efetivo nas escolas, não silenciando questões de dominações de meninos sobre meninas, mostrando que atos de bullying têm consequências tanto para as vítimas como para o bullie (causador); em relação as diferenças de gênero em atividades físicas, fica sobre responsabilidade dos professores motivarem as meninas em relação aos esportes, salientando a importância das participações nas atividades físicas escolares.

Por fim, é de grande importância que possibilidades sejam construídas para que se possa vivenciar uma sociedade mais igualitária, com menos diferenças, fazendo com que padrões e paradigmas sejam quebrados, nos tornando uma sociedade mais livre de tabus e de segmentos tradicionais ultrapassados. Em relação a escola, há muitas questões a serem construídas, muitas melhorias a serem postas em práticas. Espera-se que com as transformações vivenciadas hoje, os corpos docentes escolares em conjunto com a sociedade possa desprender-se das questões tradicionais e reforçar o desenvolvimento igualitário entre meninos e meninas, porque não cabe a escola apenas ensinar a ler, escrever ou transferir conteúdos didáticos, cabe a escola desenvolver um pensamento crítico nos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. **Educação infantil e a escola fundamental de 9 anos.** *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, n. 9, v. 2, p. 317-325, 2006.

AQUINO, M. A.; SANTANA, S. R. de; SANTANA, L. K. R. de; SILVA JÚNIOR, J. F. da. **Temas sobre o/a negro/a: uma análise da produção de conhecimento no curriculum lattes.** *Revista da ABPN*, v. 5, n. 9, p. 172-187, nov. 2012-fev. 2013,.

APARECIDA, L; ALTMANN, H. **Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula.** *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* vol.38 no.2 Porto Alegre Apr./June 2016

AZEVEDO, Aline P; COSTA, Ana M. M; PAIVA, Pedro H. A. da S. **GÊNERO E SEXUALIDADE NO P.N.E. (2014-2024): discursos e sujeitos no contexto mossoroense.** II Congresso Nacional de Educação. Mossoró, 2015.

CRUZ, A. C. J. da. **Antirracismo e educação: uma análise das diretrizes normativas da UNESCO.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

FERRARI, A. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste” - **Classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola.** *Instrumento: R. Est. Educ.* Juiz de Fora, v. 12, n. 1, jan./jun. 2010.

Garret R. **Negotiating a physical identity: girls, boys and physical education.** *Sport, Education, and Society* 2004;9(2):223-37.

Gilroy S. **The embodiment of power: gender and physical activity.** *Leisure Studies* 1989;8(2):163-72.

GONÇALVES, PETRONILHA. **Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares.** *Educ. rev.* vol.34 no.69 Curitiba May/June 2018.

Gouveia, V. V. (2003). **A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia.** *Estudos de Psicologia* (Natal), 8,431-443.

Gouveia, V. V. (2013). **Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Hills L. **Friendship, physicality, and physical education: an exploration of the social and embodied dynamics of girls’ physical education experiences.** *Sport, Education and Society* 2007;12(3):335-54.

LARISSA, M; SILVA, V; FERNADES, J. **GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O que pensam as professoras e professores sobre o tratamento de meninos e de meninas na escola?** Revista Científica da FASETE. 2017

LOURO, Claucira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BORGES, Maia; MENDES, Ana. **Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.** Horiz. antropol. vol.23 no.49 Porto Alegre Sept./Dec. 2017.

Mcdermott L. **Toward a feminist understanding of physicality within the context of women's physically active and sporting lives.** Sociology of Sport Journal 1996;13:12-30.

MENDES, Ana Paula; MAIA, Bóris. **Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro.** Horiz. antropol. vol.23 no.49 Porto Alegre Sept./Dec. 2017

MESQUITA, Mary lúcia; RAMOS, Sâmya, R; SANTOS, Silvana, M. **Contribuições á crítica do preconceito no debate do Serviço Social In: MUSTAFÁ, Alexandra M. (org.) Presença Ética vol. 1-anuario filosófico-social do GEPE-UFPE. Recife: UNIPRESS Gráfica e Editora do NE, 2001.**

MONTEIRO, Renan Pereira, et al,. **Valores Humanos e *Bullying*: Idade e Sexo Moderam essa Relação?.** Trends Psychol. vol.25 no.3 Ribeirão Preto July/Sept. 2017.

PAULINO-PEREIRA, Fernando; ALVES, Lara; CARVALHO, Sarah. **GÊNERO E IDENTIDADE: POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES PARA UMA CULTURA DE NÃO VIOLÊNCIA E EQUIDADE.** Psicol. Soc. vol.29 Belo Horizonte 2017 Epub Dec 18, 2017.

PICCOLO, G. M. **Caminhos da exclusão: análise do preconceito em sua manifestação nos jogos infantis.** *Movimentos*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 191-207, jan./mar. 2010.

ROACH, E. F. F. **Clases, gêneros y razas em eles pejo del saber escolar.** *Atos de Pesquisa em Educação*, PPGEME FURB, v. 6, n. 2, p. 403-426. maio/ago. 2011.

SILVA, E. A. **Prática docente de professoras negras acerca da questão étnico racial sob a ótica de ex-alunos.** *Cadernos da Pedagogia*, ano 2, v. 2, n. 4, p. 45-66. ago./dez. 2008.

SILVINO, D; PEIXOTO, T. **A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS: uma abordagem necessária.** VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. Agosto, 2017.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G. **Desigualdades no sistema brasileiro de educação básica.** *Educação e Pesquisa* , São Paulo, v. 29, n. 1, p. 147-165, jan./jun. 2003.

Torrão-Filho, A. (2005). **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** *Cadernos Pagu*, 24, 127-152.

Whitson D. **The embodiment of Gender: Discipline, Domination, and Empowerment.** In: Birrell S, Cole C. (Ed.). *Women, sport and culture*. Champaign: Human Kinetics, 1994. p. 353-372.